

A heroína dos cegos tibetanos

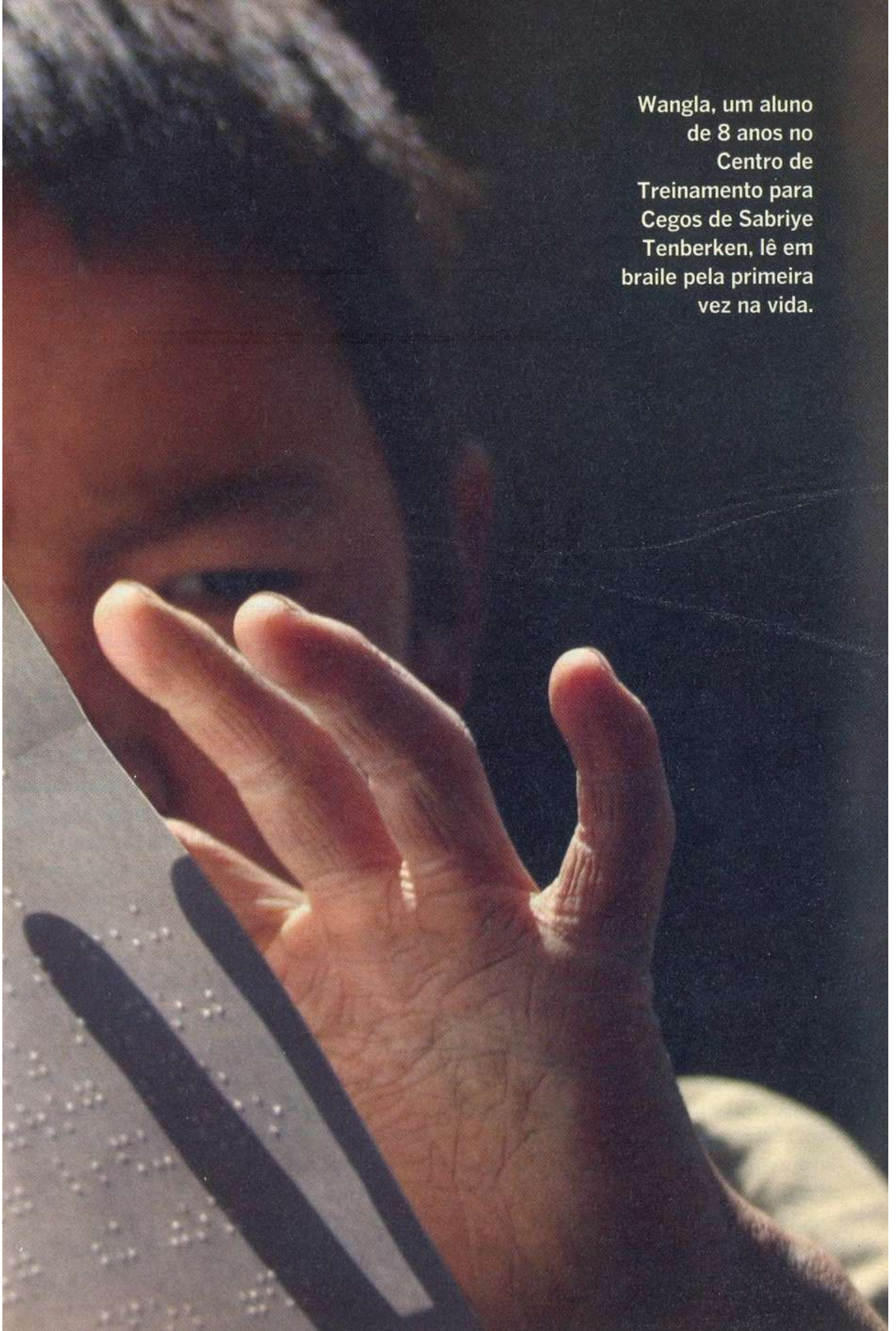
"Você pode ser feliz sendo cego", diz Sabriye Tenberken. E, para provar, ela foi para o Tibete com uma missão.

POR ASHOK MAHADEVAN

QUANDO a encosta fica mais inclinada, eu reduzo o passo para recuperar o fôlego. Perto de onde estou, vejo uma ovelha balindo e um velho monge, com uma túnica vermelha, sorrindo para mim. Lá embaixo, na colina cheia de pedras soltas, encontram-se as construções de pedra marrom e branca que formam o monastério Drepung,

que existe há 600 anos. Ao longe, depois do vale verdejante, picos nevados se erguem. É uma paisagem magnífica, mas eu não tenho tempo para admirá-la. Estou tentando alcançar a mulher europeia e a meia dúzia de adolescentes tibetanos em roupas de ginástica que seguem à minha frente. Mas, enquanto escorrego nos pedregulhos, eles prosseguem, saltando ágeis como cabras, e

Wangla, um aluno
de 8 anos no
Centro de
Treinamento para
Cegos de Sabriye
Tenberken, lê em
braile pela primeira
vez na vida.



terminam o percurso, circundando o monastério bem antes de mim.

Finalmente eu os alcanço e fico desconcertado porque são todos cegos. Para tornar as coisas ainda mais irritantes, só estão subindo e descendo, nessa colina perto de Lhasa, porque querem ficar em forma para algo ainda mais exaustivo: uma caminhada a mais de 7 mil metros de altura, no gelado Himalaia.

Excursões arrojadas são comuns para os alunos do Centro Braile sem

"Nada de fazer cestas ou tricô. Tentamos oferecer profissões procuradas no Tibete."

Fronteiras para Treinamento de Cegos, no Tibete, uma extraordinária instituição fundada por Sabriye Tenberken, a alemã que me ultrapassou com tanta facilidade na colina. Há oito anos, quando tinha 26, Sabriye deixou seu país para tentar realizar um sonho: ensinar a jovens tibetanos cegos as habilidades de que necessitam para se tornar membros ativos e confiantes de sua sociedade. Ela própria estudara numa das melhores escolas para cegos da Alemanha. Além das matérias regulares, aprendera a esquiar, cavalgar e andar de caiaque. "Minha escola", diz Sabriye, "me deu toda a confiança de que eu precisava." Ainda assim, todos achavam que

ela estava maluca – não conhecia ninguém no Tibete, nunca tinha sido professora e nem mesmo sabia falar tibetano direito. Mas Sabriye, cujo corpo esguio esconde uma vontade de ferro, provou que todos estavam errados.

O CENTRO funciona num bonito prédio de dois andares com um enorme pátio e fica numa ruazinha silenciosa, perto de uma das avenidas mais movimentadas de Lhasa. Eu chego e me

vejo envolto pela alegre algazarra de mais de duas dúzias de crianças brincando no pátio. Os mais jovens têm apenas 4 anos, enquanto os mais velhos já são adolescentes. Ninguém

usa bengala ou óculos escuros e não há vestígio da timidez e hesitação com que os cegos muitas vezes se movem.

Sabriye surge na porta e, ao caminhar na direção da escada que desce para o pátio, dá um encontrão num menininho que cruza à sua frente. Ambos cambaleiam, e eu prendo a respiração de susto. No entanto, ela consegue se equilibrar novamente e, segurando o menino a tempo, impede que tanto ele quanto ela rolem escada abaixo. Eles se abraçam e vão cada um para o seu lado.

– Essa foi por pouco – digo a Sabriye, quando se aproxima.

– Acontece o tempo todo – res-

ponde, dando de ombros. – A gente se acostuma.

Sabriye me mostra os quartos, as salas de aula, a impressora braile e outras instalações do centro, e nós encontramos seu namorado, Paul Kronenberg, um holandês alto e bem-humorado cujas diversas tarefas vão de cuidar da contabilidade até zelar pelo encanamento. Paul começou a trabalhar no centro logo após a inauguração em meados de 1998, com seis alunos.

Os primeiros anos foram difíceis. A verba prometida pela Alemanha raramente chegava a tempo, e o dinheiro ficou tão escasso que Sabriye colocou no projeto todas as suas economias: 40 mil marcos. Para cortar custos, o casal vivia num quartinho de uma pensão tibetana, onde o banheiro mais próximo ficava a 60 metros de distância. “Nossa vida era um inferno”, conta Sabriye.

UMA AULA informal de inglês está sendo dada para um grupo de crianças no jardim do centro. Uma música do ABBA ecoa de um toca-fitas, e os alunos acompanham. Quando a música termina, a professora, a inglesa Katharine Giffard-Lindsay, passa a perguntar nomes de animais:

– Como é que se chama um filhote de gato?



Sabriye oferece a seus alunos a chance de uma vida produtiva.

– Miau – sugere o engraçadinho da turma, com um sorriso largo.

“Nós ensinamos inglês básico até para as crianças bem pequenas”, Sabriye me conta. “Quando os pais descobrem que o filho consegue falar inglês, uma língua que eles não sabem, ficam muito orgulhosos. Muda a atitude deles em relação ao filho.” Todas as crianças têm de aprender, em braile, inglês, chinês e tibetano. Depois de alguns anos de

educação básica no centro, elas podem escolher entre ser preparadas para freqüentar uma escola de currículo normal ou ser treinadas numa atividade como massagem medicinal ou música. “Nada de fazer cestas ou tricotar”, diz Sabriye. “Tentamos oferecer profissões que são procuradas no Tibete.”

“Você quer me ouvir tocar?”, pergunta Ngdup. “Sei tocar violão tibetano, flauta e órgão de boca.” Ele me leva até a sala de música. Dedilhando o violão, o jovem de 16 anos canta algumas músicas antigas de Joan Baez. Eu aplaudo vigorosamente, deixando-o radiante. “Quero ser professor de música”, diz ele.

Quando veio para o centro, há quase cinco anos, Ngdup mal falava. “O pai o deixara trancado num quarto durante anos”, diz Paul. “Ele só veio para cá porque o pai quis se livrar dele.”

Sabriye encontrou casos parecidos no início de 1997, quando começou a ir a cavalo até remotas vilas tibetanas, à procura de crianças que pudessem freqüentar sua escola. Ela teve de passar algumas noites em cabanas malcheirosas e cheias de ratos, e algumas das crianças cegas que encontrou se achavam em estado ainda pior do que Ngdup – numa das vilas, uma menina esquelética, de 4 anos, não sabia andar porque a família a mantinha amarrada a uma cama.

Na atmosfera acolhedora e calorosa do centro, à medida que vão ganhando autoconfiança, as crianças começam a desabrochar. “Quando

você se dá conta de que é alguém”, diz Paul, “não há nada que não possa fazer.”

O PROBLEMA de aritmética está escrito a giz no quadro-negro: 9.730 dividido por 78. Estamos numa sala de 3ª série de um internato em Medrogongkar, pequena cidade tibetana a uma hora de carro de Lhasa. Quatro dos alunos do centro – três meninas e um menino – foram transferidos recentemente para essa escola, e Sabriye quer ver como eles estão se saindo.

A professora faz a pergunta e todas as crianças do centro levantam a mão. A professora aponta Nyima. Ela pula e dá a resposta alto e bom som. “Todos os quatro estão indo muito bem”, Sabriye me diz baixinho. “Há pouco tempo, numa noite faltou eletricidade e nossas crianças foram as únicas que conseguiram fazer o dever de casa no escuro!”

Depois da aula, quando estamos nos preparando para ir embora, Gyenzen, um menino alto de 18 anos, subitamente começa a chorar.

“Qual é o problema?”, pergunta Sabriye, sentando-se ao seu lado. Mas Gyenzen está chateado demais para falar. Sabriye coloca o braço em volta dele e aos poucos o vai acalmando. Finalmente, Gyenzen revela que alguns meninos jogaram pedras nele, mas, como não pode ver, não sabe quem são.

Sabriye o abraça. “Você é mais inteligente do que eles”, assegura.



Sabriye e seus alunos, entre os quais Kyila (à esquerda), na expedição de alpinismo.

“Devem estar é com ciúme. Digalhes que, se querem brigar, têm de chegar perto de você e lutar com as próprias mãos!”

Gyenzen assente e sorri. Sabriye suspira. “Cegos precisam ser fortes”, ensina. “É errado superprotegê-los – e, de qualquer forma, seria impossível. Mas é importante dar a eles coragem e meios para sobreviver a essas situações.”

A COCA-COLA transborda do copo, a espuma escorre pela mão de Sabriye e ela fala, fingindo raiva, para a jovem que a está servindo:

– Você é cega?

– Sim – Kyila responde, também fingindo raiva. – Sou cega!

E as duas desatam a rir. Kyila, 19 anos, é uma das favoritas de Sabriye. Certo dia ela chegou ao centro acompanhada pelos irmãos gêmeos, Dorje e Jampa, também cegos.

Os três se mostraram estudantes extraordinários. Dorje e Jampa voltaram para casa e estão planejando montar uma casa de chá. Kyila abriu uma clínica de massagem medicinal chinesa em Lhasa, com Dige, uma colega de classe. E tem planos mais ambiciosos. “Quero aprender inglês e alemão direito”, revela, “e passar um ano na Inglaterra estudando ad-

ministração, para poder ajudar nos projetos do centro.”

Treinar potenciais líderes cegos, como Kyila, é o próximo objetivo de Sabriye e Paul. Dentro de alguns anos, os dois planejam abrir um instituto em Kerala, sul da Índia, onde cegos inteligentes de todo o mundo em desenvolvimento possam aprender noções de administração que irão ajudá-los a iniciar projetos para deficientes visuais em seus próprios países. O mais recente projeto do casal é uma fazenda profissionalizante para cegos, em Shigatse, pequena cidade cerca de 270 quilômetros a oeste de Lhasa. A fazenda treinará

nômades e fazendeiros que tenham ficado cegos já com certa idade – e também jovens adultos – em agricultura, criação de animais ou produção de queijo.

Pergunto a Sabriye se alguma vez já se arrependeu de ter trocado a confortável Alemanha pelas dificuldades do Tibete. Ela sacode a cabeça, numa negativa. “Se eu morresse agora, pensaria: *Fiz o melhor que pude com a minha vida*. E isso me deixa satisfeita. Profundamente.”

Para mais informações sobre o Braille sem Fronteiras, visite o site www.braillewithoutborders.org

REFLEXÕES DE DESOCUPADOS

- Ao ver uma luz no fim do túnel, certifique-se de que não é o trem.
 - Visitas sempre dão prazer. Se não na chegada, ao menos na saída.
 - O primeiro homem que deu um nó numa gravata o fez para se lembrar de alguma coisa. No entanto, ainda hoje estamos para saber o que era.
 - Quero morrer em paz, durante o sono, como meu avô, e não gritando aterrorizado, como seus passageiros.
 - O importante é o principal. O resto é secundário.
 - A diferença entre um credor e um devedor é que o primeiro tem uma memória muito melhor!
 - Carteiro feliz é aquele que gosta de sê-lo!
 - Quem dá aos pobres empresta a Deus e quem empresta ao governo dá adeus.
 - Se a morte for um descanso, prefiro viver cansado.
 - Segredo entre três, só matando dois.
 - Sei que o dinheiro não é tudo... Tem também o carro, a casa, a televisão...
 - Tudo que é bom na vida ou faz mal ou é pecado.

